CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
JOÃO BOTELHO – OS FILMES SÃO HISTÓRIAS, O CINEMA É A MANEIRA DE AS FILMAR
7 de setembro de 2022

TRÊS PALMEIRAS / 1993

um filme de João Botelho

Realização, Argumento e Diálogos: João Botelho / **Fotografia:** Olivier Gueneau / **Som:** Francisco Veloso / **Montagem:** Carla Bogalheiro / **Decoração:** Fernanda Morais / **Guarda-roupa:** Rita Lopes Alves / **Música:** António Vitorino d'Almeida / **Intérpretes:** Teresa Roby, Pedro Hestnes, Rita Lopes Alves, Alexandra Lencastre, Diogo Infante, Canto e Castro, Inês Medeiros, Ana Nave, Herculano Cunha, Jessica Weiss, Stephen Jonston, Madalena Rodrigues, Olga Roriz, Reis Junior, José Ribeiro da Fonte, Pedro Cabrita Reis, Rita Blanco, Mário Marques, Helena Vieira; Rui Morrison (voz off).

Produção: Madragoa Filmes, para "Lisboa 94, Capital Europeia da Cultura" / **Produtor:** Paulo Branco / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, 35mm, colorida, 67 minutos / **Ante-Estreia:** Cinemateca Portuguesa, 14 de Junho de 1994 / **Estreia:** King, em 16 de Setembro de 1994.

TRÊS PALMEIRAS é exibido conjuntamente com NO DIA DOS MEUS ANOS ("folha" distribuída em separado).

Três Palmeiras foi um dos três filmes encomendados pela organização da "Lisboa 94 – Capital Europeia da Cultura" destinados a ilustrar Lisboa em períodos diferentes do dia. A única restrição teria sido o do período que a cada um coube e o orçamento de 50 mil contos para cada filme. Para o resto o limite era o céu e a imaginação dos autores. A João Botelho coube a fatia das seis às 14 horas, ficando Edgar Pêra com a seguinte que terminava às 22 horas, ficando a terceira a cargo de Eduardo Guedes. Os filmes chamaram-se respectivamente **Três Palmeiras**, **Manuel de Evasão** e **Pax**.

Três Palmeiras é uma espécie de "divertimento". É o próprio João Botelho que o afirma numa entrevista à "Inrockuptibles": "*Com este filme diverti-me pela primeira vez. Os meus quatro filmes precedentes tinham sido pesadelos*". Mas este divertimento contém no seu interior as mesmas questões dos restantes: por um lado a permanente interrogação do que é, hoje, o cinema, através do que a priori se podem chamar um pouco abusivamente de citações, por outro o testemunho das mudanças porque passa o tecido social e cultural lisboeta. Neste último caso note-se que apesar de Botelho com frequência se referir ao campo e este servir-lhe ou de ponto de partida (**Um Adeus Português**) ou de cruzamento (**Aqui na Terra**), o seu cinema é essencialmente cosmopolita. Mesmo quando fala da província é com o olhar de Lisboa que o faz. De qualquer dos pontos de vista atrás citados (o cinéfilo e o social), parece-

me que **Três Palmeiras** surge como o trabalho mais logrado de Botelho, mesmo aquele capaz de estabelecer uma relação de cumplicidade com o espectador devido à forma narrativa escolhida: a de pequenas histórias algumas delas quase ao nível da anedota. "Anedota" no que diz respeito ao tamanho que não ao sentido, e que também está longe do clássico apólogo moral. Mais do que em qualquer dos seus filmes anteriores Botelho cinge-se aqui a uma ética rosselliniana. Aliás poder-se-ia ver mesmo o filme como um possível **Paisà** português ressalvadas as diferenças históricas: num caso como no outro tratam-se de olhares livres, não constringidos por contingências morais ou estéticas. Se em **Três Palmeiras** se podem apontar as últimas isso resulta do seu tempo histórico. O olhar transmitido por **Três Palmeiras** é já um olhar impuro (tem um passado em que o cinema passou a olhar-se como objecto) enquanto o de Rossellini nos transmitia essa mesma observação pela primeira vez. Mas num caso como no outro há também a simultaneidade narrativa. Os seis episódios de **Paisà** podem passar-se em tempos diferentes mas a forma como aqui se ligam dá a sensação de que tratam de acções simultâneas. Os oito episódios de **Três Palmeiras** (que na verdade são dez, se bem que os dois últimos tenham uma função de balanço, "A Vida é Assim", que prolonga a sequência do genérico com o suicídio, e prolongamento onírico, "O Sonho do Bébé"), não têm lugar, obrigatoriamente, nesse período de tempo (aliás, praticamente todos resultam de narrativas do personagem de Pedro Hestnes, ou de um encontro ocasional, como o cómico e pungente encontro com Isabel de Castro no banco do jardim), mas a forma como se ligam deixam exactamente a mesma sensação de simultaneidade.

Três Palmeiras centra-se à volta de uma espera: a de uma mulher (Teresa Roby que aguarda o nascimento do filho), enquanto à sua volta o companheiro procura acalmar o nervosismo, mais o seu que o dela, contando uma série de histórias e/ou "faits-divers". Na verdade há um olhar de cinéfilo por detrás das histórias e esse é o pretexto para João Botelho proceder a uma série de exercícios através dos quais lança um olhar entre o terno, o irónico e até o cínico, sobre os modelos e códigos cinematográficos e as transformações porque passam hoje (o episódio da reportagem televisiva sobre as obras no Chiado que me parece ser o menos conseguido, pois deixa a impressão de querer impor o ponto de vista, a não ser que seja intencional devido referir-se a um meio, a televisão, que procura exactamente isso mesmo: dirigir o olhar em vez de o deixar livre). Somos desse modo confrontados com a comédia sofisticada (o par Diogo Infante-Alexandra Lencastre na piscina reproduz cena semelhante entre Katharine Hepburn e James Stewart em **The Philadelphia Story**), a incursão de vanguarda surrealista com a referência à zoologia de Buñuel na sequência a preto e branco, a angústia antonioniana no episódio do casal inglês (a zanga e o reencontro recordam um dos mais belos momentos do cinema de Antonioni: o final de **La Notte**), mesmo o musical de Jacques Demy no irresistível segmento "A Nossa Sopa de Cada Dia" onde não falta a nota neo-realista da personagem de Isabel Branco.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico

O texto da "folha" que acompanha esta sessão de TRÊS PALMEIRAS foi originalmente escrito em 1994 por ocasião do Ciclo "Lisboa no Cinema".